

Pesquisadores ensinam índios a falar o tupi

Projeto de repercussão internacional resgata identidade cultural e língua original de Potiguaras na Paraíba

Iris de Oliveira
 de São Paulo

No próximo dia 3 uma equipe de pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) viaja para a Paraíba para durante seis meses ministrar aulas de tupi para os índios potiguaras. A iniciativa, inédita no País, visa recuperar a língua que já não é mais falada nas aldeias formadas por quase 7 mil indígenas. O projeto vem ganhando repercussão internacional e já levou a USP a firmar um convênio com a Universidade de Otago, na Nova Zelândia, para um intercâmbio acadêmico.

Baía da Traição é um município com cerca de 5 mil pessoas a 80 quilômetros de João Pessoa. É nesta região que se concentram os descendentes de uma das primeiras tribos de índios brasileiros contatados pelos portugueses quando aqui chegaram. O grupo se mantém nas mesmas terras desde o descobrimento. No "Tratado Descritivo do Brasil", escrito no século XVI pelo viajante português Gabriel Soares de Souza, há relatos sobre os potiguaras: cerca de 30 mil antropófagos instalados há 30 léguas de Recife.

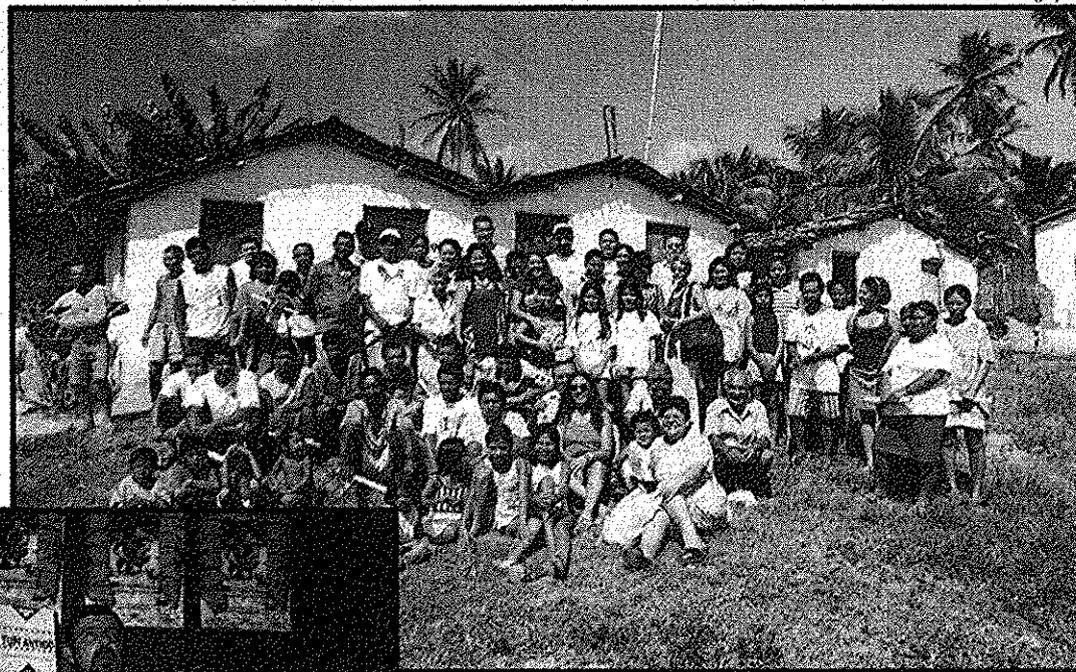
Do povo que honrava os inimigos comendo-os —só os corajosos mereciam ser degustados, já que pelo

ritual ao comer o inimigo a sua força era repassada para a tribo—, andavam nus e viviam da pesca no litoral, restam atualmente poucas características que os ligam com o passado. As oças foram trocadas por casas de alvenaria com tevês, o grau de miscigenação é alto e os descendentes, com exceção de uma ou outra palavra, não falam mais o tupi.

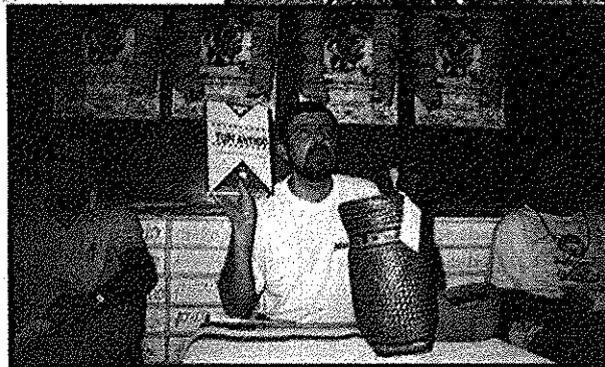
"Eles perderam a identidade cultural e o reaprendizado da língua é decisivo para reverter esta situação", afirma o professor de tupi do Departamento de Letras Clássicas da USP, Eduardo de Almeida Navarro, coordenador do projeto, batizado de Poti.

A idéia surgiu no próprio departamento que por semestre atrai cerca de 200 alunos para estudar aquela que já foi a língua mais falada no Brasil até o século XVII.

Padre Anchieta chegou a escrever um dicionário sobre a língua que começou a morrer em 1758, quando o marquês de Pombal proibiu seu ensino. "O guarani se manteve



■ Potiguaras guardam na memória poucas palavras em tupi, como morubixaba para dizer chefe e kysé, para faca. Abaixo, Navarro, que acredita no resgate cultural do grupo



porque é a língua oficial do Paraguai junto com o Castelhana, mas o tupi foi sendo esquecido", diz o professor que criou a ONG Tupia-

qui para divulgar o projeto. Durante os seis meses que sua equipe estiver na Paraíba as aulas serão ministradas diariamente para líderes comunitários entre os indígenas para que eles se tornem agentes multiplicadores. A idéia é levar posteriormente a experiência para outras tribos. Dos 40 grupos indígenas do Nordeste só os fulniôs conservam a língua original, que leva o mesmo nome. O projeto da USP tem apoio da Funai (Fundação Nacional do Índio) e do Ministério da Educação. "Não adianta querer isolar o índio. Pode tentar preservá-los por mais tempo, mas eles podem continuar sendo índios mesmo vindo tevê desde que mantenham viva a consciência de sua cultura", defende Navarro. ■

Fotos: Divulgação